

# Conectar-se à vida

Ángeles Prieto Barba  
Ilustrações de Mario Miranda  
e Sonia Salvador Vicente

12-16 anos



Fundación  
**MAPFRE**





Conectar-se à vida, 2015.

Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de Aula de 12 a 16 anos.

O Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de Aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Viária da FUNDACIÓN MAPFRE, destinada a todos os níveis educacionais de 3 a 16 anos, para promover a prevenção e as boas práticas viárias nas escolas.

Direção do projeto: Área de Prevenção e Segurança Viária – FUNDACIÓN MAPFRE.

Coordenação: Território creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.

Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.

Produção audiovisual: La Llave. Gestión y producción cultural.

Animação: Vicente Mallols.

© Do texto: Ángeles Prieto Barba.

© Das ilustrações: Mario Miranda e Sonia Salvador Vicente.

© Desta edição:

FUNDACIÓN MAPFRE

Área de Prevenção e Segurança Viária

Paseo de Recoletos, 23

28004. Madrid

[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo em exceções previstas por lei.

I.S.B.N.: 978-84-9844-547-3

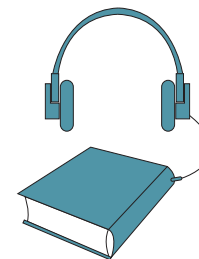
Depósito legal: M-26431-2015

# Conectar-se à vida

Ángeles Prieto Barba

Ilustrações de  
Mario Miranda

e  
Sonia Salvador Vicente



## Capítulo I: PRAIA OU MONTANHA

Ao contrário de muitas famílias, todos os anos os Manzanedo iniciavam suas férias no mesmo dia. Férias longas e idênticas para todos, já que ambos os pais eram professores no mesmo local. A única diferença era que Jorge ensinava história e a mãe, Amelia, literatura. “Uma família com afinidades!”, costumava dizer Virginia, a única filha. “E muitos livros!”, respondia Pablo, seu irmão gêmeo.

Na verdade, ainda que os gêmeos fisicamente não se parecessem em nada, eles claramente possuíam semelhanças com seus pais: Pablo tinha herdado o cabelo escuro e encaracolado de Amelia, enquanto Virginia era loira, como Jorge. E as semelhanças não se limitavam apenas à aparência. Pablo era mais temperamental e carinhoso que Virginia, acostumada a pensar muito antes de agir. Mas os dois costumavam ser estudiosos e atentos, mesmo que ultimamente custasse bastante fazer com que Pablo se afastasse de seu novo vício: vídeo-games.

— Vamos Pablo, não reclame, é graças aos livros que podemos sair de férias. Passamos em tudo!

— Alguns com melhores notas que outros.

— Se você não ficasse toda hora brincando...

— Pare com isso, estamos indo — cortou Pablo.

O ônibus escolar que estava se aproximando deles estava prestes a sair. Houve muita agitação, devido ao grande grupo de alunos que queriam ir embora. Mas Pablo e Virginia não se juntaram a eles e decidiram esperar tranquilamente na fila, sem se esgueirar ou sair da calçada. Há pouco tempo atrás um de seus companheiros, Julian, caiu para trás nos degraus do ônibus devido ao tumulto e aos empurrões. Seu amigo apenas machucou o tornozelo, mas outro atrás dele caiu no chão, esfolou o braço e não o quebrou por puro milagre. Os monitores tentaram colocar ordem:

— Calma, meninos, há espaço para todos. Subam devagar e coloquem as mochilas nos compartimentos superiores. Guardem os celulares, não esqueçam de que eles podem se tornar pequenos projéteis se frearmos bruscamente. Apertem bem os cintos de segurança. Sem gritos, música alta e sem jogar coisas entre vocês, não devemos incomodar o motorista.

Assim o fizeram. Uma vez no ônibus, Pablo decidiu não ligar o celular, para evitar as queixas constantes de Virginia, e começaram a conversar novamente.

— Você tem alguma ideia de onde vamos este ano, irmãzinha? Eles lhe disseram alguma coisa?

— Nenhuma. Mas espero que papai não tenha vontade de viajar muito longe, como nos outros anos quando voltamos apenas para começar o novo ano letivo. Vamos viajar, tenho certeza, não acho que vamos ficar em casa durante todo o verão. Papai ficaria muito nervoso.

— Bem, eles nos avisarão. Eu, tendo onde nadar e Wi-Fi, não me queixarei.

— E eu, podendo andar de bicicleta, também. Você me conhece.

Pablo e Virginia moravam nos arredores da cidade, oito paradas além da escola. Conforme se avançava o trajeto, os grandes edifícios e as avenidas davam lugar a rotatórias e belos parques, grandes pulmões verdes da cidade, que Virginia percorria com sua bicicleta. Além dos parques, começavam as casas familiares. Em uma delas, Jorge e Amelia já estavam ansiosamente esperando por eles.

Ao chegarem ao ponto de ônibus, os meninos desceram pela porta traseira junto com outros colegas. Então esperaram o ônibus arrancar para poderem atravessar. A poucos metros de distância, havia uma faixa de pedestres, pra-

ticamente na porta de sua casa. Eles sempre atravessavam com cuidado, olhando para a esquerda e para a direita, e de novo para a esquerda, assim como seus pais lhes ensinaram quando pequenos, no caso de um veículo vir em alta velocidade. Sua mãe esperava-lhes na porta.

— Vamos ver, como foram as notas?

— Aqui estão. Eu tenho duas notáveis e uma excelente. Mas Pablo teve três aprovados e nada mais.

— Já falaremos sobre Pablo. Você, por enquanto, aprenda a não competir — disse Amelia à sua filha com um grande sorriso, sem brigas. Na verdade, ela estava muito feliz, muito orgulhosa de seus filhos, que chegaram com fome, com suas mochilas nos ombros, suas magníficas qualificações e muita vontade de conversar.

Enquanto isso, na sala de estar, Jorge os esperava, expectante, lendo o jornal com muita calma, sem querer mostrar muito interesse ou preocupação com o boletim final. Uma sala de estar ensolarada que seria muito mais espaçosa se não tivesse quatro assentos confortáveis, um enorme tapete e cinco prateleiras sólidas que, cheias de livros, chegavam ao teto. Não havia espaço para as televisões, que estavam nos quartos acima. A sala de estar dos Manzanedo era uma espécie de santuário pacífico e sem ruídos: servia para conversar, para compartilhar ideias e, sobretudo, para ler. Os garotos entraram rapidamente, mas sem fazer muito barulho, para informar seu pai. Assim que o viram, não conseguiram conter-se e exclamaram ao mesmo tempo, como bons gêmeos:

— Nós passamos em tudo, papai!

— Estes são meus garotos, muito bem! Pois me parece que todos ganharão uma recompensa então. Vamos ver, vocês não têm nada para me perguntar?

Foi Virginia quem tomou a iniciativa, como sempre.

— Claro! Somos uma família muito viajante e já fomos para o Japão, Egito, Praga, Roma, Londres e na Disney de Paris quando éramos mais pequenos. Aonde vocês nos vão levar desta vez? Qual novo mundo iremos descobrir? Qual cultura iremos conhecer?

— Bom, é melhor que subam, deixem as mochilas nos quartos, troquem de roupa e vamos comer. O mistério deixaremos para depois.

Assim fizeram. Jorge foi à cozinha, que ficava atrás de uma grande mesa e uma porta que levava a uma área ampla, com piscina e um pomar. Ali, Amélia plantava flores, hortaliças e verduras em seu tempo livre. Uma macieira, símbolo da família, um louro e uma bela bananeira forneciam sombra, então, no verão, era muito confortável. Nos últimos dias, era comum encontrar Dona Quiteria, a nova vizinha do chalé ao lado, uma viúva solitária com roupas extravagantes, um pouco misteriosa, mas cordial, que costumava visitá-los mais tarde, no momento do lanche.

Eram três horas da tarde e os gêmeos estavam com fome, então, antes que Jorge terminasse de colocar os pratos e talheres na mesa, seus filhos apareceram com os copos e jarras de água, prontos para dar conta de um almoço que parecia delicioso. As famosas lentilhas de Amélia e o peixe assado cheiravam a glória.

— O primeiro presente para os meus campeões. E como sobremesa especial, celebrando suas notas, teremos a torta de maçã favorita de vocês.

— Que bom! Vamos comer tudo!

— Sim, estar de férias, sem horários pra cumprir, nos permitirá comer sem pressa. Muito melhor.

— E bem, retomando sua pergunta, farei outra para vocês. O que vocês preferem, praia ou montanha? — perguntou Jorge.

Amélia não deu sua opinião. Foram os gêmeos, como sempre, que responderam em voz alta e ao mesmo tempo. Só que, nesta ocasião, Pablo disse “praia!” sem dúvida alguma, enquanto Virginia exclamou “montanha!”, com idêntico entusiasmo, sem titubear.

— Bom, Jorge, você está vendo, não há um acordo entre os garotos, o que vamos fazer! Você pode dar algumas horas para que eles pensem bem? — disse Amélia.

— Claro, mas rápido; só temos tempo até amanhã, na hora do café da manhã, para tomar uma decisão. Pensaremos na bagagem e, de tarde, iremos comprar o que nos falta. Vão preparando suas propostas.

Na verdade, o trabalho dos professores Jorge e Amélia não era fácil nem leve. Eles passavam a maior parte do tempo na escola. Davam aulas durante toda

a manhã, e até o final da tarde não podiam ir para casa: tinham que dar aulas de reforço, guardas na biblioteca, preparar aulas e corrigir provas. E neste ano letivo, em especial, onde ambos foram nomeados chefes de departamento, sentiram que não haviam passado tempo suficiente com seus filhos. Perderam as conversas juntos, no almoço, que só aconteceram em alguns fins de semana. Porque os jantares eram claros e rápidos, sem muito tempo para conversar; e o café da manhã não conta. Então eles sempre usavam os feriados para estar muito mais tempo juntos.

Após a torta de maçã, Pablo e Virginia foram responsáveis por tirar a mesa. Eles enxaguaram os pratos e talheres e os guardaram na máquina de lavar louças. Tempo que lhes permitiu trocar algumas opiniões.

— Montanha não, Virginia. Estou prestes a participar da equipe juvenil de natação. Tenho que treinar.

— Podemos ir a algum lugar com um rio perto e ali você poderia nadar.

— Desses com pedrinhas no fundo, onde posso escorregar? Claro que não.

— Ir a uma praia é quase o mesmo que ficar aqui. Trocamos a piscina pela praia, nada mais.

— E ficaríamos sem férias? Grande solução.

— Eu nunca andei de bicicleta por uma Via Verde, isso sim seria uma mudança e, se formos à montanha, me encantaria fazê-lo.

— Uma Via Verde? O que é isso, irmã?

— É um longo caminho situado em meio natural. Ou seja, sem carros, poluição, nem tráfego de nenhum tipo de motor. É destinado apenas a pedestres, ciclistas e pessoas a cavalo. Um ambiente saudável e seguro. Poderei pedalar sem ter medo do trânsito, em completa liberdade. Normalmente, são caminhos que surgiram depois de desmontarem trilhos de trem e que percorrem pontes e paisagens maravilhosas. Ou estão perto de escavações arqueológicas, que o papai tanto gosta. Existem Vias Verdes que podemos percorrer no mesmo dia, ou em dois dias, acampando durante o trajeto e voltando no dia seguinte.

— Tá, mas nadar por esses lugares, nem pensar.

— Pense que você estará ao ar livre e irá exercitar as pernas. E isso fará muito bem pra você. Vamos, não reclame. Venha ao meu quarto que te mostrarei

panfletos com todas as Vias Verdes que temos aqui perto para que possamos escolher. Anda...

— Mas a praia, o vento fresco do mar, passear pela areia, comer sorvete... Tudo isso também soa muito bem. E suponho que nessas Vias Verdes, wifi nem pensar, né?

— Obviamente. Se vamos de bicicleta, nem celular, nem tablet, nem internet. Pra que? Não consigo entender por que dependemos tanto desses aparelhos, sério.

— Esqueça, no final papai e mamãe decidirão.

— Mas antes irão nos escutar, nós os conhecemos e sabemos como é. E claro que aceitarão a minha proposta. É muito boa.

— Veremos. Até depois, vou pro meu quarto.

Pablo mal podia esperar para entrar em seu quarto. Ele não só tinha que ver o que seus amigos tinham escrito no Twitter depois da escola, também havia pensado em algo ótimo para responder à piada de Julián, o colega que havia se machucado por não subir direito no ônibus. Ademais, tinha que continuar o jogo de "Hidras e Górgonas", um fliperama muito legal, onde tinha que tirar os monstros do meio de toda a classe para que o herói pudesse cumprir sua missão.

Pablo era muito supersticioso, daqueles que nunca passavam por debaixo de uma escada, e seu humor ia por água abaixo durante alguns dias caso quebrassem um espelho, ou se um gato preto atravessasse seu caminho, ou se visse um urubu ou um corvo em uma árvore. Tinha fobia de ouvir certas palavras em voz alta e gostava de tocar algumas árvores perto da escola, porque achava que traziam sorte. Ganhar os jogos tornou-se um de seus principais vícios, embora Pablo não o reconhecesse e chamasse simplesmente de "seu momento de relaxamento", alegando que, com isso, ele liberava a adrenalina. Às vezes, isso irritava muito Virginia, no quarto ao lado, porque ele brincava com a caixa de som ligada, e o barulho não a permitia ler, se concentrar e estudar.

Não havia passado nem meia hora quando as discussões habituais no andar superior começaram.

— Pablo, abaixe o som ou use fones de ouvido! — pediu Virginia —. Eu não consigo ler —. E Pablo costumava responder que os fones de ouvido lhe davam muito calor. Ou que, sem os avisos de som que o programa lhe dava, ele não podia jogar. Quando o pai estava por perto, lembrava Pablo do quão importante é respeitar os outros.

A verdade é que, para Pablo, era impossível brincar por tantas horas seguidas, sentado em uma cadeira, enquanto havia sua amada natação. Ele queria fazer parte da equipe juvenil de sua cidade e por isso tinha que treinar. Então, depois de eliminar muitas hidras e poucas górgonas, ele colocou a roupa de banho e jogou-se na piscina. Além disso, o calor era intenso e ele queria se refrescar para logo tomar um suco de laranja e pensar. Tinha que pensar em algo melhor para defender diante de Virginia e de seus pais, uma proposta para ir para algum lugar perto da costa. Lá, além de ter wifi, certamente encontraria alguns amigos com quem andar e comer sorvete no final da tarde. Quão bons são esses passeios com quadras e grandes espaços de areia, onde você pode jogar tênis ou voleibol. Nada como a praia! Uma Via Verde isolada do mundo? Bah! Não havia cor, não podia nem comparar.

De repente, ele notou que alguém havia mexido no jardim, apesar do calor. Ao lado da macieira, a terra havia sido removida para formar um montinho. Ele ficou muito surpreso que, apenas um dia antes partirem, sua mãe tivesse plantado sementes as quais não poderia regar nos dias seguintes.

Ao retornar ao seu quarto, viu sua mãe na cozinha conversando animadamente com a vizinha, enquanto Jorge estava na sala de estar com a Virginia. Lá estavam ambos sorrindo, conversando. E, como ele pensou que Virginia seguramente estaria defendendo seus motivos para ir à montanha, pensou em fazer o mesmo com Amelia e convencer sua mãe de seu ponto. Ela cruzou-o no corredor, antes de subir as escadas.

— Você só conseguiu três aprovados nos exames que faltavam, é?

— Matemática, Ciências Naturais e Música, você sabe que as Ciências não são o meu forte. E você já me contou que passava o mesmo quando tinha minha idade.

— Sim, me destacava em Letras, por isso me empenhava mais em estudar matemática, para poder aprovar. Era questão de dedicar mais tempo e es-



forço, e não se render. O mesmo que você quando pratica natação. E eu não me conformava só com aprovar, pois estudar o justo e necessário é muito risco. Poderia ter reprovado.

— Eu sei, vou tentar me esforçar mais, mamãe, prometo. Mas agora quero pedir-lhe uma coisa...

— Assim espero, confio em você e em seu esforço. Diga-me.

— Este verão quero ir à praia. Preciso nadar. A minha irmã quer nos levar para pedalar por uma dessas Vias Verdes, isoladas do mundo, no meio do campo. E parece-me uma loucura. E se um lobo perdido pula em nós? Ou ficamos sem água e não há casas perto? Não é melhor ir à praia em outra cidade? Terão supermercados, farmácias, cinemas, quadras, concertos de música, museus, lugares onde você e papai também poderão se distrair... A praia é lazer e diversão, mas também segurança, porque há mais gente. Tenho certeza que na montanha, ou em uma Via Verde, não encontraremos ninguém mais.

— Que exagerado você é! Nem que uma Via Verde fosse uma ilha deserta, filho. Mas já entendi. Não precisa insistir tanto, Pablo, falarei esta noite com papai. Mas não prometo nada a você, porque a decisão será tomada pelos quatro. Quero que todos estejam de acordo e contentes com o lugar que vamos visitar. Tenho certeza que estaremos, como sempre. E é bom que apresentemos uma posição, pois se não o fizermos o papai mesmo decidirá levar-nos ao Pólo Norte para passar frio. Ou aos trópicos, muito calor. Ou a Austrália, Vietnã, México, ou a Índia...

— É verdade, hahaha. Nada está muito longe para o papai.

— Nada. Quando existirem vôos interplanetários com destino a Marte, com certeza nos levará também, hahaha.

Logo ficou claro que Jorge, o professor dos destinos longínquos e remotos, tinha muita pressa para iniciar as férias. Já tinha conversado com Amelia. Os garotos estavam crescendo muito e muito depressa. Pablo e Virginia já eram quase tão altos quanto Amelia, e ao pai lhe preocupava muito que completassem sua educação, que não só consistia em aprender idiomas ou matemática. Também deviam ensinar-lhes muito em casa: a se comportar e defender, a se sentirem seguros e serem responsáveis, a serem independentes, terem capacidade para tomar decisões e relacionar-se corretamente com os demais. Tudo o que faz falta nesta vida para dar um passo à frente. Coisas que não se

aprendem de forma rápida e fácil, mas que ocupam muito tempo, paciência, apoio e entendimento. Coisas que só os pais podem ensinar.

Antes de jantar, o pai pediu para que todos fossem à sala de estar. O primeiro que fez foi lhes perguntar se tinham decidido algo. E, vendo que os gêmeos começariam a discutir, cortou a discussão em seco.

— Já decidi aonde iremos. Tenho certeza que vocês irão amar.

— Brasil?

— Nova Zelândia?

— Burkina Faso, talvez? — sugeriu Amelia caçoando, anteriormente informada e de acordo.

— Definitivamente. Iremos quinze dias à praia e outros quinze à montanha. De modo que todos estão contentes. E, como? Vocês me perguntarão. Pois isso é o melhor de tudo: aluguei um motorhome há duas horas. Iremos acampar, de modo que, se não gostamos do lugar que escolhemos, poderemos mudar em um instante. Nesta viagem também aprenderemos. Até agora, temos viajado para longe conhecendo outras culturas. Agora conheceremos melhor a nossa própria e aprenderemos outras coisas, tanto interessantes quanto úteis.

— Ótimo, ótimo, — exclamou Virginia, muito contente.

— De acordo, eu não reclamarei tendo meus dias de praia, prometo.

Mais tarde, comeram um leve jantar de salada e frutas, que ocorreu tranquilamente. Na verdade, todos estavam um pouco nervosos e animados. No dia seguinte teriam que sair e comprar tudo o que precisavam e pegar o motorhome. Sem o terem visto ainda, cada um tinha sua própria ideia do mesmo. Jorge assegurou-lhes que tinha quatro lugares. Mas Amelia não confiava em sua capacidade. Nem no calor. Pensava que seria conveniente levar barracas, então, pelo menos, eles poderiam dormir confortavelmente nos acampamentos ao ar livre.

Antes de dormir, eles foram ao pátio. Durante os dias quentes, eles tinham o hábito de ficar lá por um tempo, bebendo limonada e olhando as estrelas.

— Vamos nos divertir, Amelia.

Ela apoiou a cabeça no ombro de Jorge e respondeu:

— Nós sempre nos divertimos quando estamos juntos. Somos uma ótima equipe, meu amor. Eu me sinto muito orgulhosa de nossos meninos.

Então, estes se aproximaram.

— Nós o amamos muito, papais.

— E nós também, garotos.

Foi então que Pablo notou que o jardim tinha a mesma aparência antiga. Que o monte de terra espalhada que havia observado durante a tarde, como se alguém o tivesse cavado, tivesse desaparecido. Ele achou isso muito estranho, queria perguntar à sua mãe sobre isso, mas, naquele momento, Amelia disse que estava muito cansada e foi para a cama.

O calor havia diminuído, a primeira noite de férias passou lenta e bonita para os Manzanedo. Apesar da ansiedade, todos se renderam.

No pátio, alguns grilos começaram a cantar. Uma noite plácida, se não fosse lá pelas quatro da manhã, quando Pablo acordou assustado. Sua janela tinha vista para o jardim e, naquela hora, pensou ter ouvido uma batida forte, como se algo tivesse caído. Quando ele olhou para fora, ficou chocado ao ver a sombra de um homem correndo na direção da casa de Quiteria. Primeiro, comprovou que não estava sonhando, e então decidiu avisar seus pais imediatamente. Isso, disse a si mesmo, não poderia ser efeito de alucinações, ou de jogar muitos jogos. Apressado, entrou sem bater na porta do quarto principal.

— Pai, papai, há um intruso no nosso jardim!

— O que você disse filho?

— Que vi um homem correndo, indo na direção da casa de Quiteria!

— Vamos ver — disse Jorge.

Ele saiu para verificar o que Pablo lhe havia dito e, depois de algum tempo, voltou.

— Filho... Acordei a pobre mulher por nada. Ela disse que ninguém entrou lá. Você deve ter tido um pesadelo. Não ligue pra isso e deixe-nos dormir, que amanhã um longo dia nos espera.

Pablo obedeceu a seu pai, mas estava convencido do que tinha visto. Embora não lhe tenha ocorrido de relacionar o invasor com o montinho de terra descoberto à tarde, algo o faria algumas semanas depois...

No dia seguinte, Virginia levantou-se cedo, cerca de nove da manhã, para descobrir que todos os membros da família já estavam prontos e o café da manhã estava servido. O chuveiro, felizmente, estava livre. Quando ela desceu, percebeu que Jorge e Pablo não estavam lá, eles tinham ido pegar o motorhome.

— Quando eles retornarem, iremos às compras — disse Amelia. Enquanto isso, termine o café da manhã e depois veremos as roupas que precisamos levar. Lembre-se de que devem ser confortáveis.

Não havia passado nem meia hora quando o poderoso som de um buzina fez com que descessem as escadas. Pablo estava correndo, exultante, muito feliz.

— Vocês não imaginam como é por dentro! É como uma casa, tem de tudo! Por favor, venham a vê-lo.

E lá foram. Não faltava nada no motorhome!

— Bem-vindas ao palácio, minhas princesas — disse Jorge depois de abrir a porta.

Virginia subiu primeiro.

—Uauuu, que incrível! Tem de tudo! É como uma casa portátil!

—Sim. Enquanto dirigimos, mamãe e eu sempre iremos à frente. Aqui vocês têm seus assentos, atrás da mesa e, é claro, com cintos de segurança. Vocês podem ler, assistir a televisão que está ali ao lado ou brincar com o que quiserem nela. Depois, há a cozinha. Não precisamos tirar nada de casa, exceto os mantimentos. Aliás, os alimentos frescos iremos comprar durante o caminho. Aqui temos quatro beliches e quatro armários, para as roupas. E, no fundo, atrás dessa porta, é o banheiro. E fechando a porta, logo ao lado temos uma máquina de lavar e secar roupa.

Nós sempre teremos que descansar em campings ou em postos de parada. Lá nos abasteceremos de gasolina, água e eletricidade, para carregar os celulares, o tablet e as câmeras. Ah, e preciso mostrar-lhes o enorme porta-malas. Estão vendo? Cabe de tudo. Guardaremos todas as roupas que queiramos para todo um mês. Vamos levar latas de peixe, frutas e vegetais em caixas. Também uma barraca caso desejemos dormir ao ar livre. Uma cadeira de praia, uma churrasqueira para acampar, um... O que mais? Esqueci algo?

— De mim — exclamou Dona Quiteria, sem que ninguém soubesse de onde a vizinha tinha vindo.

— Pois eu a convidei — explicou Amelia —. Acontece que no primeiro camping onde iremos parar estão suas netas e seu filho, e todos nós adorávamos se Quiteria pudesse nos acompanhar, certo, família?

— Claro — disse Jorge — a levaremos conosco.

— Você não sabe o quanto eu agradeço. Vou para casa preparar a mala e tirar do forno um bolo que preparei. Temos que levar algo amanhã para o caminho!

Quando Quiteria se foi, Jorge pediu à família que entrassem no carro para irem ao supermercado para comprar todos os mantimentos e tudo o que estivesse faltando. Deste modo, poderiam sair no dia seguinte.

Todos foram para a garagem. Fazia calor e, como a casa dos Manzanedo não era longe do supermercado, Pablo pediu a seu pai para ir no assento dianteiro.

— Não, Pablo, você vai atrás, a possibilidade de você sofrer lesões em caso de acidente é consideravelmente menor.

Jorge ligou o carro e o ar condicionado. Virginia aproveitou, como sempre, para fazer outra pergunta, depois de Pablo se sentar ao seu lado.

— Então, papai, qual é o assento mais seguro de um carro?

— Indo com o cinto posto, todos são bem mais seguros. Ajustar o encosto para cabeça também é fundamental. Se ele estiver baixo, subam-o, para que cubra bem o pescoço de vocês, pois ele protege a cabeça em caso de uma frenagem brusca. Ajustaram? Colocaram os cintos?

— Sim, papai. Mas você não respondeu a minha pergunta. Eu perguntei qual era o assento mais seguro de um carro.

— O assento traseiro central, bem onde você está sentada, Virginia. Vamos, antes que fique muito tarde.

— Espero que não — disse Amelia —. Estou levando duas listas na bolsa com tudo o que nos fará falta e, quando chegarmos, nos dividiremos. Nós duas nos encarregaremos da roupa e da comida. Vocês do resto.

Mas demoraram três horas, como previsto. Uma câmera de fotos nova, uma grande caixa de ferramentas, comprovar se levavam todo o necessário no kit de primeiro socorros, o que lhes tomou algum tempo. Cansados de ir de um lado para outro, comeram alguns sanduíches com suco antes de voltarem para casa.

Foi depois de sair do Shopping, pela estrada local que lhes deixava em casa, que o imprevisível saiu ao encontro dos Manzanedo. Jorge deu uma freada brusca que assustou toda a família. Em especial a Pablo, que estava conversando às escondidas. O celular caiu de suas mãos e foi parar no chão.

— Ai!... O que aconteceu? Por que paramos? — exclamou Amelia.

Mas o pai não respondeu e, de imediato, conduziu o veículo para o acostamento. Uma vez estacionado ali, Jorge saiu do carro e olhou ao redor. Depois se dirigiu à parte de atrás do carro para tirar os triângulos de sinalização que guardava no porta-malas.

— Amelia, Virginia, Pablo, saiam com cuidado, por este lado do acostamento, e me ajudem. Enquanto ponho os triângulos, por favor, observem a estrada e, sobretudo, aquelas árvores ali na frente para ver se conseguem descobrir o que era a sombra que, ao cruzar, me assustou. Se vocês virem algo, me avisem. Não atravessem a estrada enquanto isso.

Não demoraram muito até descobrir.

— Já o vi. Ali, depois desse álamo isolado — falou Virginia de imediato —. Parece um animal pequeno, eu o vi se movendo detrás da árvore.

— Vou lá pegar-lo — determinou Jorge —. Fiquem aqui.



Ele atravessou e os demais o viram procurar, sem encontrar nada. Depois, agachou-se, lançou um par de assovios, e estendeu o braço. Tinha sentido algo. Viram-o vir com uma pequena bola peluda entre as mãos.

— É um filhotinho de cachorro muito pequeno! — disse —. Aqui está. Olha como me lambe a mão, como se soubesse que lhe salvei.

— Me deixa ficar com ele só um pouquinho? — disse Virginia com ternura —. O coitadinho deve estar com muito medo. Ele está chorando.

— Claro. Além disso, eu tenho que dirigir. Mas vamos ver o que faremos depois com o cachorro. Não temos nada para ele em casa e amanhã temos que sair.

— Faremos tudo o que pudermos — disse Amelia —. Só sei que não o deixaremos aqui sozinho, podendo ser atingido por outro carro. De jeito nenhum.

— Esta é a minha mãe! — proclamou Pablo com orgulho, depois de guardar seu celular —. De qualquer forma, acho que a primeira coisa que temos que fazer é ir ao posto policial mais próximo e dizer-lhes que o encontramos e perguntar se alguém reportou a perda dele.

— Então, vamos, temos que dar a volta — disse Jorge.

— E se não for de ninguém? E se eles o abandonaram? — comentou Virginia —. Pode ser, o verão acabou de começar e muitas pessoas que, assim como nós, saem de férias, não querem levar seus animais de estimação junto. Então eles acabam deixando-os abandonados. Olha, o pobrezinho continua chorando.

— É melhor você nos levar para casa primeiro, Jorge — sugeriu Amelia —. Não sabemos há quanto tempo está sem comer ou beber. Devemos cuidar dele primeiro. Logo avisaremos que o encontramos. Pablo, você pode tirar uma foto com o seu celular? Temos que deixar uma na delegacia, pois, caso os donos apareçam, eles poderão localizá-lo.

O que se via na fotografia era uma carinha muito assustada, envolvida em um monte de pelos negros. Com sua cabeça pequena e orelhas curtas e triangulares, sempre direitas, parecia uma raposinha. Mas seu rabo era curto e não manifestava temor aos humanos. Ao contrário, parecia estar à vontade com eles. Ademais, estava bastante limpo, levando em conta a abundante pelagem. Parecia ter se perdido há pouco tempo e ter se cuidado muito bem, pensaram. Ao chegar a casa, Amelia foi procurar algumas caixas de papelão.

— Esta está perfeita! Eu tenho um cobertor antigo para cobrir o fundo que servirá como uma cama. E vou colocar água nesta tigela.

Um grande acerto, porque o pequeno animal bebeu tudo com muita vontade. Mas Jorge estava preocupado, pois as crianças estavam se apegando a ele, e o animalzinho poderia ter dono. Lentamente, Jorge começou a verificar a pele do animal, olhando sob os pêlos, para ver se ele tinha um microchip. Mas não achou nada. Ele pensou que talvez fosse um filhote com poucos dias de idade e que, portanto, ninguém o tinha levado ao veterinário ainda. Por isso, decidiu que depois de ir à polícia, iria levá-lo à clínica veterinária mais próxima. Era necessário que ele fosse identificado e descartar as possibilidades de ele pudesse ter doenças. Virginia imediatamente ofereceu-se para acompanhá-lo, já que Pablo havia desaparecido no andar de cima. Todos sabiam que ele tinha ido continuar com seus jogos ou conversar com seus amigos para contar-lhes sobre a descoberta.

— Pablo, seu celular, precisamos deixar na delegacia a foto que tiramos!

— Um minuto, por favor, já já a imprimo.

Demorou um pouco, mas ali estava a foto. Enquanto isso, Amelia tinha dado ao cachorro um pouco de leite. Ela insistiu que eles perguntassem ao veterinário o que um animal tão pequeno quanto esse poderia comer.

Uma vez na delegacia de polícia, os agentes informaram que, nos últimos dias, ninguém havia relatado nada sobre o desaparecimento de um cachorro. O agente, que os cumprimentou com bondade, pegou a foto.

Então foram à clínica veterinária. Quando chegou sua vez, apenas de olhar para o filhotinho o veterinário expressou sua animação: um schipperke, que alegria! Esta é a primeira vez que atendo um. Este é um cachorrinho muito especial e parece estar saudável, vamos examiná-lo. O schipperke vem da Bélgica, é muito popular e não aumentará muito em tamanho, esses cachorros não crescem muito. Nós vamos colocá-lo nesta maca e vamos dar uma volta... Veremos. Sim, a temperatura está correta, os dentes são saudáveis, os ossos estão bem. Sem microchip. Ele também não foi vacinado e eu estimo que tenha duas semanas de vida. A partir da quarta, lembre-se de vaciná-lo. Se vierem amanhã, podemos colocar o microchip de identificação.

Depois de dizer isso, chegou o momento tão temido por Virginia.

— Não podemos vir amanhã, nós vamos viajar — explicou Jorge —. Na verdade, não é nosso. O encontramos há algumas horas, perdido em uma estrada. Avisamos a polícia que o encontramos, mas ninguém reportou sua falta. Onde podemos deixá-lo, quem pode cuidar dele? Podemos colocá-lo no canil municipal, será que tem lugar?

— Mas papai, papai, é tão pequeno e está tão só... não poderíamos levá-lo conosco? Tenho certeza que cabe no motorhome. Eu me responsabilizo por tudo, por tudo. Prometo. Dou-lhe de comer, levo-o para passear, dou banho...

— Virginia, tenha em conta que, para ser dono de um animal, precisa ter uma grande responsabilidade. Não pode se apegar a ele, e ele a nós, para depois não se preocupar e não lhe dar a devida atenção. E, o que faremos com ele quando as aulas começarem de novo? Mamãe e eu temos que trabalhar e vocês precisam ir à escola. Não pode ficar tanto tempo sozinho. Com quem vamos deixar então? Não entende que ficar com ele é uma loucura?

E Jorge teria continuado e continuado... Na verdade, ele pensava que era loucura levá-lo junto durante as férias que havia planejado com tanto cuidado, porque alterava todos os planos e porque seria uma catástrofe qualquer acidente que pudesse pôr o animal em perigo. Ele precisava de comida especial, vacinas, vigilância para que ele não escapasse... Eles nem sequer tinham uma coleira! Eles não sabiam como treiná-lo ou cuidar dele. Mas prontamente notou as lágrimas que corriam pelo rosto de Virginia, e ele não suportava vê-la chorar.

Por isso, quando saíram da clínica veterinária, eles não só levavam o cachorro, identificado com o microchip, nos braços da Virginia, como também todo o necessário para seus cuidados.

— Bem, por fim terminamos. Está pronto, olhe como ele está feliz... E nós, cansados e com fome. Anda, vamos para casa. E nunca se esqueça que, caso os donos apareçam, teremos que entregá-lo. Ele não é nosso.

— Mas terão que provar que são seus donos primeiro, não? E depois, dar-nos uma boa explicação de por que o encontramos perdido na estrada, certo?

A fome de Jorge não durou muito, pois quando eles chegaram Amelia, Pablo e Quiteria já estavam esperando por eles, com a mesa posta. Todos comeram com muita vontade, pois haviam gastado muita energia naquele dia. Pablo em especial, depois de jogar durante duas horas seguidas a vídeo-games.

— Matou muitas hidras, filho? — Jorge perguntou —. Estou te perguntando porque ainda temos que prender as bicicletas no suporte, com a devida sinalização; subir todas as caixas de comida, colocar as roupas nos armários, procurar um espaço para o... cachorrinho.

— Não o chame de cachorrinho, papai. O pobrezinho merece um nome. Olhe pra ele, quão quieto está, mal e mal faz um ruído, sempre pensativo...

— Parece um filósofo — disse Pablo.

— Como Sócrates — acrescentou Amelia —. Opa, já temos um nome para o cachorro.

— Sócrates? Pequeninho desse jeito?

— O verdadeiro Sócrates também era muito baixinho, como eu. Bom, vamos ver se ele gosta desse nome... Sócrates!

O cão levantou a cabeça e olhou fixamente para Amelia. Com suas orelhas mais pontudas do que nunca.

— Olha, Sócrates, olha que osso de mentira mais bonito eu tenho para você. Você quer?

— Au au!

— Resposta correta. Definitivamente, de agora em diante se chamará Sócrates. Virginia, prepare a cama que vocês compraram para ele. Coloque a colcha velha embaixo. E leve para o motorhome tudo que compraram para Sócrates. Vamos, porque antes de sair ainda teremos um montão de coisas para fazer.

Eles terminaram em meia hora. Todos os membros da família Manzanedo acharam ótimo trabalhar em equipe. Eles sabiam que, se todos prestassem a mesma atenção e se esforçassem igualmente, terminariam muito mais cedo qualquer tarefa que lhes tivesse sido atribuída. Na manhã seguinte, eles se levantaram cedo e se prepararam para sair.

Em cerca de três horas e meia chegariam ao primeiro camping que queriam visitar, onde encontrariam a família de Quiteria. Era um local bonito, loca-



lizado nos arredores da cidade mais próxima. Depois de alguns pinheiros, e apenas a duzentos metros de distância, eles poderiam visitar algumas ruínas romanas, cavernas pré-históricas e, ao fundo, uma das maiores e mais limpas e bonitas praias da Europa.

## CAPÍTULO II: PRAIA

**D**eram de beber para Sócrates antes de sair, mas não de comer. Eles sabiam que era o melhor para ele, já que seria submetido aos chocalhos da viagem durante o dia. Agora sabiam que deveriam observá-lo de perto. Tinham recém encontrado-o, portanto, tiveram pouco tempo com ele e ele poderia escapar durante a noite. Duas horas depois, eles decidiram parar em um posto de serviços para esticar as pernas. Jorge e Amelia trocaram de assentos. Eles dirigiam com mais atenção e muito mais calma, alternando o volante.

Quando chegaram ao camping ainda restavam algumas horas antes do pôr-do-sol. Eles decidiram estacionar o motorhome um pouco mais longe da floresta de pinheiros, onde a maior parte dos turistas estava concentrada. A paisagem era esplêndida, uma vez que os pinheiros estavam atrás. À direita, numa colina, havia os restos daquilo que uma vez foi uma cidade romana. Três colunas coríntias em pé indicavam onde era o templo, o resto parecia ter sido domus ou casas. Havia também vestígios da velha estrada. As marcas de rolamento nos lados serviam para indicar por onde a água fluía. Mas outras, mais no centro, marcavam a rota por onde as carruagens circulavam. Era incrível ver como os romanos também se preocupavam com o trânsito da época. Que, há tantos séculos atrás, o respeito pelos motoristas e pedestres já era importante.



E, no fundo, a praia. Uma praia com muitos metros de areias limpas e douradas. Perfeita para jogar frescobol ou voleibol. Aquele camping parecia ser um lugar maravilhoso. Então eles agradeceram Quiteria pela recomendação. Ela se despediu alegremente, dirigindo-se ao pinhal onde eles certamente estariam esperando por ela.

A família decidiu nadar antes que anoitecera. Enquanto isso, Virginia se ofereceu para ficar com Sócrates no pinhal. Todos correram para trocar de roupa e colocar seus trajes de banho. Mas quando Pablo saiu, Sócrates começou a latir. Ele passou a viagem inteira em uma caixa de transporte própria para cachorros, no chão do motorhome, entre os assentos de Pablo e Virginia. Ele estava bem preso e seguro, mas não estava acostumado com isso. Durante as paradas, foi Pablo quem o tirou e parecia ter se apegado a ele também.

— Bem Virginia, vai você com o papai e a mamãe, e eu fico com o Sócrates, eu não me importo. Assim também poderei conversar com meus amigos.

— Que vício você tem! Não sei se confio muito em você. Tenha muito cuidado para que ele não escape, por favor. Ele ainda não nos conhece bem e pode ter medo.

— Não se preocupe. Você não pode ir muito longe, né Sócrates? — disse Pablo.

Quando se foram, o pequeno animal começou a latir e a chamar a atenção de Pablo constantemente. Ele tentou, através de todos os meios, que Pablo prestasse atenção nele. Não prestou. Até que finalmente, cansado, Pablo se desligou do celular. Primeiro ele tentou lhe dar água, mas Sócrates não estava com sede. Ele também não estava com fome. O filhote, afinal, só queria o mesmo que Pablo: brincar.

Quando Pablo cansou de distrair o cachorrinho, ele voltou para o celular e para suas mensagens. Distraiu-se tanto que nem percebeu que Sócrates havia escapado.

— Sócrates, Sócrates! Onde você se meteu? Volte, por favor! Por que você faz isso comigo, cachorrinho? — Pablo lamentou.

Após meia hora, a família voltou do banho de mar. Os três voltaram de bom humor e com fome. Virginia vinha em frente, com muito desejo de brincar com o cachorro, mas ficou surpresa ao encontrar o motorhome em total silêncio. Pablo e Sócrates não estavam lá. Alarmada, avisou Jorge e Amelia.

— Calma, Pablo sempre leva o celular. Vamos ligar pra ele.

Mas ele não atendeu o celular, então Jorge decidiu ir procurá-lo.

— A verdade é que não sei por onde começar. Andarei em círculos. Virginia, é melhor você e a mamãe ficarem, caso Pablo volte com o cachorro. Não saia daqui.

Pablo ainda não havia aparecido, ao contrário de Sócrates, que fez uma entrada triunfal nos braços de uma menina morena com tranças, muito bonita, tão alta quanto Virginia e de idade semelhante.

— Olá, esse cachorrinho é seu?

— Sim, é nosso, se chama Sócrates, onde você o encontrou?

— Depois dos pinheiros, na areia. Ele estava cavando, procurando alguma coisa. Ele é muito bom, se comportou muito bem. Estive perguntando a outras famílias, para ver se encontrava os donos, e aqui está você, menos mal. Nós temos uma cadela muito maior, já adulta, se chama Dona e brincamos todos juntos. Bem, aqui está você, eu tenho que voltar para minha família.

— Desculpe-me, como você se chama?

— Eu sou Irene, Irene Guzmán. Embora todos me conheçam como Irene Duas Rodas. É uma piada do meu pai. Aparentemente, nasci apenas 15 minutos depois de minha mãe entrar em trabalho de parto. Eu saí em disparada para a vida. Um ano e meio depois, aprendi a andar de bicicleta e a patinar, em vez de ler. Sempre em duas rodas! E você, como você se chama? Quantos anos você tem?

— Meu nome é Virginia, e tenho catorze anos, mas em um mês terei quinze — disse Virginia.

— Pra mim faltam apenas alguns dias, estou ansiosa para que meu aniversário chegue logo. Este ano será muito especial.

— Obrigada por nos procurar e devolver nosso cachorrinho. Não sei nem como agradecer. Você gostaria de ficar para o jantar? — Amelia convidou gentilmente.

— Sim, por favor, fique! Eu adoraria fazer uma amiga nas minhas férias — disse Virginia —. E na próxima vez traga sua cachorrinha, Dona, para que a gente conheça. Você com certeza sabe muito mais sobre cães do que nós. Acabamos de adotá-lo e ainda não sabemos muito sobre eles.

Enquanto isso, Pablo apareceu. Ele parecia muito cansado e preocupado, seu rosto estava lívido.

— Perdi Sócrates, me perdoem, desculpa. Procurei por todo lado mas não consegui encontrá-lo.

Ele ficou surpreso ao ver Virginia com uma estranha, e ela parecia muito calma. Ele não sabia que Sócrates já estava lá, porque Amelia colocou-o para dentro do motorhome para dar-lhe de beber.

— Você está me escutando, Virginia? Perdi Sócrates.

— Não se preocupe, Pablo — disse sua irmã —, esta é Irene, também está passando o verão neste camping. E tranquilo, ela trouxe Sócrates de volta.

O rosto de Pablo se iluminou quando viu Irene pela primeira vez.

— Ufa, graças a Deus! Eu sou Pablo, prazer em conhecê-la. Não sei como agradecer, fui eu quem o perdi. Você tirou um peso das minhas costas.

— Você é irmão ou primo da Virginia?

— Nós somos gêmeos.

— Ah! Eu ia dizer que vocês parecem ter a mesma idade mesmo. Bem, desculpem-me, mas tenho que ir. Já estou demorando demais. Não aceitarei o seu convite para jantar, pois sou eu quem quer convidar vocês. Em duas horas, quando a noite cair, todos que estão aqui no camping farão um churrasco coletivo. Vamos nos divertir. Nós temos música, jogos, danças... Venham! Eu tenho que ir agora, até depois!

Pablo entrou no motorhome com um rosto lamentável, pedindo desculpas por ter perdido o cachorro.



— Desculpe-me, pai. Eu falhei. Mas não vai acontecer de novo, eu prometo. Eu estava brincando com ele e o acabei perdendo.

— Pablo, espero que isso não aconteça novamente. Esta noite você será responsável por cuidar dele para que não se escape de novo.

Amelia entrou bem neste momento.

— Bem, vou dar uma olhada nos alimentos que trouxemos para ver o que podemos levar para esse churrasco coletivo ao qual fomos convidados. Quero muito conhecer a família de Quiteria, já que nunca foram visitá-la durante todo este tempo vivendo ao lado de nossa casa. Eu também acho que devemos nos comportar como bons vizinhos e agradecer aos pais de Irene. Bem, vamos levar costelinha de porco, pão e espigas, batatas fritas... Também precisamos de algo para beber. Pablo, você gostaria de levar essa caixa de refrigerantes? Você vai me ajudar com isso?

Pablo ficou encantado. Sua mãe percebeu de imediato o quanto ele tinha gostado de Irene. Virginia também pensou que a ideia de um churrasco coletivo era excelente. Ela colocou a coleira em Sócrates e disse que agora seria ela quem cuidaria do cachorrinho.

Logo chegaram à área perto dos pinheiros. Irene correu na direção deles.

— Que bom que vieram! — disse —. Hoje estamos comemorando, porque minha avó está conosco. Que saudades senti dela!

— Sua avó?

— Amelia, é você? Mas, mulher, o que você está fazendo? Por que veio tão carregada? — disse Quiteria.

— Oh, que coincidência. Não acredito! Acabamos de conhecer sua neta.

— Minha neta mais velha. Vou lhes apresentar a outra, também está por aqui. Olha, aí vem ela.

E, de imediato, apareceu Blanca, levando uma linda golden retriever pela coleira, à que chamavam Dona.

— Oh, que menina mais bonita, vocês são irmãs, Irene?

— Não, somos primas — disse Irene —. E essa preciosidade que vem com ela pertence ao seu pai, meu tio Antonio. Ela é uma cadela da polícia, muito

inteligente, dócil e boa. Cuida muito bem de Blanca, que é muito travessa. Na verdade, todos nós confiamos muito mais na cadela do que nela, hahaha.

— Eu que o diga! — disse Antonio —. Bem-vindos e prazer em conhecê-los. Esta é a minha esposa, o nome dela é Rosa.

Logo viram que os animais se divertiam entre si, e se davam muito bem.

— Oh, que cachorrinha fofa. E quão bem se dá com Sócrates! — disse Virginia —. Eu já contei para a Irene que nosso cachorrinho está há somente um dia conosco, nós o achamos abandonado na estrada, você vai me ensinar a cuidar dele?

— Eu mesma posso lhe ajudar — disse Rosa —. Você vai ver, quando vê-lo andar em círculos ou gemer na frente da porta, você tem que levá-lo para fora. Quando você acordar, essa é a primeira coisa que terá que fazer. Em casa, quem se preocupa menos com Dona é Irene, porque ela fica lendo até muito tarde e, portanto, não há ninguém que a levante.

Todos sorriram diante da observação, mas especialmente Virginia, que já não se sentia estranha por ter descoberto outra leitora como ela. Então ela seguiu na frente de Pablo para pedir à Irene que lhes mostrasse o camping.

— Primeiro, vamos comer algo, Virginia, estou com fome...!

— Eu também estou morrendo de fome — disse Pablo, muito enfático e encantado por poder falar com Irene.

Na grande mesa dos viajantes havia de tudo: saladas, batatas fritas, salsichas, carnes assadas, chouriço, tortilhas de batata, frango assado, empanadas e sanduíches de atum. E, no final, havia uma pilha de pratos de plástico para cada um para servir como quisesse. Enquanto Irene encheu o prato com generosidade, pegando um pouco de tudo, Pablo simplesmente pegou um pouco de frango e salada.

— Você não disse que estava morrendo de fome? Pois não parece — comentou Irene.

— Bom, é que minha mãe nos acostumou a comer pouco no jantar. Diz que é bem mais saudável. E, bom, tenho fome, mas pensei que seria melhor não

abusar para poder dormir bem esta noite. Com certeza sentiremos falta de nossa cama.

Enquanto isso, Virginia, que estava ao lado deles, ficou em silêncio. De fato, ela ficou muito surpresa com a inesperada eloquência de Pablo, que parecia falar demais com Irene. Normalmente ele era tímido, falava muito pouco e estava sempre no telefone. Com Irene, parecia que o celular não existia ou tinha sido esquecido. Ela gostou disso, mas interveio, pois não queria ser deixada de lado.

— Bem, Irene, eu também leio muito, como você. O que você está lendo agora?

— O livro que todos os adultos me recomendaram. Dizem que é perfeito para a nossa idade. Parece-me muito divertido. Um clássico de piratas: “A ilha do Tesouro”.

— Uauuu! — exclamou Pablo.

Virginia tinha visto o filme e lembrou-se da música dele. Então cantou: Rum, rum, rum, uma garrafa de rum!

— Estamos em uma praia. Piratas e corsários também desembarcaram aqui — disse Pablo —. Você já imaginou que aqui, talvez entre os pinheiros, pode ter algum tesouro escondido? Estava pensando nisso enquanto procurava por Sócrates.

Então Virginia, muito alarmada, gritou:

— Sócrates, onde está Sócrates? Ele estava do meu lado agorinha...

Ela o perdeu de vista, o mesmo que aconteceu com seu irmão. Ela soltou a coleira quando estavam na mesa do jantar, e Sócrates escapou. Pensou que tinha arruinado o churrasco de todos. Agora eles tinham que ir buscá-lo.

— Sócrates, Sócrates!

Mas foi Dona quem respondeu com um latido. Um latido de felicidade, porque Sócrates estava bem ao lado dela.

— Ufa, menos mal. Venha aqui, cachorrinho, eu prometo que não vou mais te perder de vista e não irei deixá-lo sozinho. Ai...

— Ei, Virginia. Estes dois se dão muito bem, onde você o achou?

— Perdido na estrada que vai do shopping até nossa casa, nos arredores da cidade. Eles o abandonaram.

— Ou ele pode ter escapado — disse Irene —, tem essa possibilidade também. Você não sabia que existe uma escola de cães policiais? É onde eles treinaram a Dona e eu fiquei muito surpresa ao ver Sócrates, com o quão pequeno é, cavando tão bem quanto ela.

— Bem, poderia ser. Mas um cão policial não deveria ter uma coleira, um microchip ou algo que o identificasse?

— Claro, mas pode ter pertencido a uma ninhada recente e não ter sido bem controlado. De qualquer forma, venha passear conosco amanhã. Ouvi muitas histórias sobre uma caverna aqui perto, você me acompanharia para investigar? Talvez encontremos um tesouro pirata, haha.

Jorge e Amelia, que estavam terminando de se despedir dos tios de Irene, chamaram as crianças. Era hora de voltar para o motorhome, deitar e tentar dormir. O dia tinha sido muito longo, com Sócrates como o principal protagonista, e eles estavam muito cansados.

Mas Pablo queria continuar conversando e andando com Irene. O tempo ao lado dela não passava, corria, e ele queria aproveitá-lo. Ainda bem que Virginia os uniu.

— Por favor, papai, deixa a gente conversar mais um pouquinho.

— Bem, nós vamos com o cachorro. Mas não demorem muito. Amanhã estaremos aqui o dia todo, vocês terão muito tempo para fazer tudo o que quiserem.

Eles ficaram muito felizes, graças aos planos misteriosos que haviam feito com Irene para o dia seguinte. Ela queria explorar essa caverna profundamente. Parecia haver muitas lendas sobre aparições de fantasmas e até mesmo sobre o desaparecimento de crianças nela. Eles não queriam que nada acontecesse com eles. Mas à Irene Duas Rodas, ela disse, ninguém poderia lhe assustar com contos de mulheres idosas.

Ao amanhecer, o céu estava escuro, ameaçando chover. E para piorar as coisas, quando se aproximaram da praia, observaram que as ondas estavam muito fortes, o que tornaria cansativo e perigoso nadar. Jorge e Amelia decidiram que seria melhor ir à cidade para comprar alguns mantimentos, mas seus filhos insistiram em ficar lá.

— Você se importaria de ir sozinho? Não precisa se preocupar, podemos ficar com a família de Irene.

— Nós acabamos de conhecê-los, e eu não confio em vocês. Não me sinto bem pedindo tão cedo para que vigiem vocês. Eles terão coisas para fazer, como nós, e pode não ser bom para eles estar atentos aos convidados. Vocês se comportarão bem? Vão ficar lá com eles? Não vão embora?

— Sim, prometo — assegurou Virginia — e, ademais, ficaremos com Sócrates. Seria um incômodo ter que fazer compras e estar atento ao cachorro.

O fato é que Amelia não estava muito convencida, mas Jorge concordou imediatamente em aproximar o motorhome ao de Antonio e Rosa. Ele iria levar alguns donuts para eles e perguntar-lhes não só se eles se preocupavam em ficar de olho nos meninos, mas também como chegar perto da cidade sem ter que entrar nela com o motorhome. Por ser muito grande, seria uma verdadeira dor andar com ele por ruas estreitas e encontrar estacionamento.

Antonio concordou em ficar com eles e mostrou um ponto de ônibus que os deixaria no centro da cidade.

Então, depois de deixar Jorge e Amelia no ponto de ônibus, o grupo formado pelos três meninos e os dois cães marcharam em direção à caverna. Esta, que já havia sido muito visitada como um ponto turístico, agora se encontrava muito abandonada, algo que os meninos estranharam assim que entraram. Era espetacular, cheio de estalactites e estalagmites de tamanha beleza que deixavam os visitantes sem fôlego. Depois de olhar a entrada, eles continuaram ao longo de um pequeno caminho de pedra que levava a um lugar gótico, com incríveis conjuntos de luzes. O som da água tocando as estalactites lembrava a sinos. Uma coluna no centro e uma espécie de dossel no final oposto completavam essa maravilha da natureza. Mas enquanto os Manzanedo apreciavam em êxtase, olhando tudo, Irene e os cachorros pa-

reciam não se distrair, fixando os olhos no chão. E de vez em quando, Irene apalpava as paredes, procurando uma abertura, uma alavanca ou uma porta.

Depois de saírem de uma parte muito alta, eles ouviram um ruído anormal, como se estivessem arrastando caixas. Os sons eram cada vez mais poderosos e próximos.

— Rápido, acho que eles estão chegando, temos que ir! Pablo, leve o cachorro nos braços, vamos correr! — alertou Irene.

Eles saíram o mais rápido possível, seguindo as recomendações de Irene, que lhes mostrou — vitoriosa — um papel que havia encontrado no chão, que continha um endereço.

— Pablo, a Virginia me disse que você trouxe o tablet! Você poderia procurar onde é isso?

— Com prazer, assim que chegarmos ao acampamento eu procurarei. Mas, por que saímos correndo? O que você acha que está acontecendo?

— Bandidos — disse Irene —. Se eles contaram histórias estranhas para assustar os visitantes, podem estar cometendo algum crime. Vou falar com meu tio e meu pai.

— Seu pai?

— Depois te conto em detalhes, Pablo. Agora não posso.

— Como quiser, Irene. De qualquer maneira, esta tarde irei procurar por esse endereço.

Depois do almoço, não demoraram muito para descobrir onde era o endereço misterioso: Calle del Trocadero, 47. Justo em um bairro isolado da cidade, localizado no subúrbio, ao lado do cais. Uma área ocupada principalmente por armazéns e garagens, a chamada Zona Alfa.

Irene propôs a Pablo e Virginia que, para descobrir o que estava acontecendo, pedissem a seus pais que os deixassem sair no dia seguinte. Desta vez, eles não podiam ir com os cães, pois precisariam pegar o ônibus. Depois de tanto pensarem, Irene surgiu com uma ideia magnífica.

— Como está nublado, o que acham de dizermos que amanhã gostaríamos de andar de skate? Vejamos: no camping não dá, porque não há um espaço

adequado. E como na estrada é perigoso, só nos resta a cidade. É a desculpa perfeita. Não se preocupem, porque na minha família ninguém estranharia: eu sou campeã de skateboard, pratico desde criança. Vou lhes dizer que, como o clima está ruim, vamos patinar. Tenho alguns aqui no acampamento, posso lhes mostrar. Então poderemos procurar aquele lugar, espiar apenas para saber o que está acontecendo e escapar rapidamente, o que vocês acham?

—Perfeito. Por mim está ótimo — disse Pablo com entusiasmo.

— Mas é melhor passarmos a tarde com nossos pais — disse Virginia. Desde que chegamos, não paramos de sair com você e eles não devem suspeitar. Se eles soubessem que estamos conduzindo uma investigação secreta, eles não nos deixariam, tenho certeza.

Como o dia seguinte amanheceu nublado, e diante da impossibilidade de ir à praia, eles os deixaram brincar com Irene. "Uma garota muito legal e inteligente", pensaram. — E é bom que eles conheçam outras crianças de sua idade e se tornem amigos — Amelia disse para Jorge —. Especialmente Pablo, eu prefiro que ele saia com amigos durante toda a tarde do que fique trancado no quarto, jogando com o tablet.

Após o café da manhã, os três pegaram o ônibus, vestidos com shorts, coto-veleiras e joelheiras. Irene tinha se responsabilizado por encontrar capacetes e patinetes para todos. Bem na entrada da cidade, e não muito longe da Zona Alfa, havia uma pista feita especialmente para skatistas, onde os melhores da cidade treinavam, alguns deles campeões nacionais. Então, antes de ver o que havia nesse endereço estranho, Irene sugeriu que eles poderiam dar uma olhada na pista e praticar um pouco. Se alguém descobrisse que eles estavam espiando e tivessem que sair de lá a pé, com certeza seria melhor com um skate — disse Virginia — pois escapariam mais rápido.

— Como não tinha certeza de como vocês iriam se sair, eu trouxe patinetes de três rodas, que garantem mais segurança e menos chances de cair. Observem que o diâmetro das rodas é grande, então vocês ficarão muito mais confortáveis. A primeira regra é não subir sobre qualquer coisa com duas rodas sem capacete, por maior que esteja no calor do momento. Seja de patinete, bicicleta ou ciclomotor, sempre com capacete. Para andar 50 metros ou 200 quilômetros, não importa, temos que usá-lo sempre.

— Vejam, eu trouxe bons capacetes. A verdade é que eu nunca coloquei um capacete de plástico, aqueles que não são homologados e não protegem nada. É melhor um como este aqui. Estão vendo? A superfície é sólida e rígida, com espuma no interior, não aperta e também não se move. E também tem visor para proteger os olhos. Se não estiver preso, o capacete é inútil, porque não protege. Eu também gosto dele por causa da cor vermelha brilhante, para que vejam melhor.

— Eu sempre uso um, Irene, porque eu ando de bicicleta com frequência — disse Virginia —. E me interessou muito esse seu conselho de usar um visor. Embora eu geralmente pedale com óculos de sol, vou pensar sobre isso. Um visor protegerá meu rosto muito mais.

— Muito bem, Virginia. Bem, agora vou explicar os movimentos do patinete, para que possamos praticar antes. Existem duas técnicas: andar em twist e andar em tesoura. O primeiro é mais fácil. Além disso, é o movimento ideal para patinetes como estes que trouxemos, de três rodas. Devemos apenas pegar impulso com as pernas e, em seguida, balançar o corpo de um lado para outro para avançar. Com isso ganhamos velocidade. Vamos praticar... Balançar e agachar, como se dançássemos o twist. Olha, muito bem!

Os dois passaram no teste. E se divertiram muito. Mas depois de vinte minutos, Irene decidiu mudar.

— Vou mostrar-lhes mais um movimento — disse —. Se chama posição de tesoura. É mais complicada, porque temos que mover as pernas de dentro para fora, é por isso que se chama tesoura. Veremos... Virginia, você está indo bem. Pablo, você tem que praticar mais. Você se dá melhor no twist!

Em suma, a experiência foi incrível. Patinaram por mais de dois quilômetros e, felizmente, ninguém caiu. Mas eles não haviam se esquecido do que eles vieram fazer. A manhã estava terminando e eles foram cumprir seus planos. Chegaram à Zona Alfa, um lugar muito solitário, onde encontraram um grande navio fechado com enormes cadeados.

— Temos que esperar — disse Irene —. É melhor nos escondermos atrás desse mato.

Eles não tiveram que esperar muito, logo chegou um caminhão e as portas do armazém se abriram, de onde saiu quatro homens suados carregando grandes caixas. Ao vê-las, Irene já não tinha a menor dúvida.

— Entendi! — exclamou Irene discretamente —. Para mim, esses bandidos estão lidando com contrabando. Primeiro, eles trazem as mercadorias de barco até a praia, a escondem na caverna e depois trazem até aqui, bem escondida, para distribuí-la e vendê-la mais tarde. Está muito claro!

—Ai! — exclamou Virginia, depois de se machucar com o matagal.

— Vamos, hora de sair correndo! Peguem os patinetes, garotos, temos que sair depressa.

Foi o que eles fizeram, a todo vapor. Ainda bem que os carregadores estavam dentro do armazém e tardaram em perceber a presença deles. Quando o fizeram, os meninos viraram a esquina com pressa. Assim que só viram crianças correndo e não se importaram.

Eles voltaram entusiasmados, orgulhosos de suas habilidades de detetive. Agora estavam prestes a contar aos demais, mas Irene avisou-os que só deveriam contar ao seu pai.

— Logo vou lhes apresentar, eu prometo.

Os dias passaram. Junto com Irene, o tempo passou muito rapidamente porque eles não pararam por um só momento. Os três se tornaram amigos inseparáveis. Eles sentiram muita pena quando Jorge lhes anunciou que as férias na praia terminariam dentro de dois dias e que seriam transferidas para um camping na montanha, conforme haviam concordado. Havia encontrado outro acampamento muito bonito, não muito longe deste. Além disso, era muito perto de uma dessas Vias Verdes que Virginia tanto queria conhecer.

Esta notícia fez Pablo reclamar imediatamente.

— Por que temos que mudar de lugar, se estamos tão bem aqui? — disse com aborrecimento.

— Vamos ver, Pablo, também nos demos muito bem com Antonio e Rosa, mas temos alguns planos e uma reserva para o outro camping. Concordamos

em ir à praia, mas também à montanha. Em dois dias, temos que mudar. Não se preocupe, também gostaremos de lá. Você pode manter contato com a Irene e contar-lhe o quão legal está sendo.

— Mas não é justo. Virginia e eu acabamos de conhecê-la, estamos virando amigos. E agora, quando estamos desfrutando bastante, temos que partir... Não podemos cancelar essa reserva e ficarmos aqui?

— Pense em sua irmã, Pablo, sua maior vontade é andar de bicicleta por uma Via Verde. Eu prometi isso pra ela e irei cumprir.

— Não, não, não. Não quero ir.

Com raiva, Pablo se trancou no motorhoome e ligou o computador. E não voltou a sair. Naquela tarde, irritado e um tanto triste, completou o jogo de "Hidras e Górgonas", o mesmo que ele havia esquecido completamente durante as férias.

### CAPÍTULO 3. MONTANHA

Quando chegaram ao acampamento da montanha, Jorge e Amelia ficaram surpresos com o quão diferente era um do outro. Neste camping era possível praticar todos os tipos de atividades: tiro com arco, hipismo, tirolesa... E, ao lado, havia um rio no qual podiam se banhar. Ficaram tão à vontade praticando caminhadas, natação e pesca, que somente no final da sua estadia é que decidiram ir à Via Verde que tanto empolgava Virginia.

A Via Verde que ficava perto do acampamento foi criada aproveitando o fechamento de uma rota ferroviária. Passava por uma bela serra com rios, pinheiros, pontes, muitos túneis e uma das melhores colônias de aves do mundo. É por isso que Jorge levava bons binóculos consigo no motorhome. Ele esperava estudar espécies que nunca tivesse visto antes. O que o professor mais queria era encontrar um "Ibis eremita", um pássaro de aspecto estranho, de plumagem verde e bico vermelho, que estava em grave perigo de extinção.

Mas se Jorge já estava satisfeito, sua filha Virginia, então, estava radiante. Os dias que passou cuidando de Sócrates despertaram nela aquela que acreditava sua verdadeira vocação: ser veterinária. Ela tinha decidido: gostava muito de cães e parecia ter um dom especial com eles. A ideia de conhecer aves curiosas também estava começando a animá-la. Tudo era novo para ela, e quanto mais perto ela chegava do mundo dos animais, mais eles a atraíam.

Por sua parte, Amelia sentia-se ótima: vivendo a vida ao ar livre, longe de toda a poluição, podendo se exercitar e respirar ar puro.

Tudo teria sido perfeito se não fosse por Pablo. Apesar da animação de sua família, Pablo ainda estava triste. Sentia falta de Irene e daqueles dias com ela, nos quais se sentiu como um pirata, um espião, um patinador, um cientista da computação e até mesmo um guarda-costas, porque gostava de estar ao seu lado e protegê-la. Foi muito triste ter que dizer adeus a ela tão de repente, de um dia para o outro com um "nos falaremos por mensagem", ou "não tivemos tempo para conhecer seu pai", ou "fazia tempo que não me divertia tanto..."

Depois daqueles dias fantásticos em que ele esteve aberto, carinhoso, conversador e brincalhão, agora era muito difícil fazê-lo conversar e participar da organização das atividades do dia-a-dia. Ele simplesmente disse que sentia falta de Irene e que estava muito triste em não poder vê-la.

Para animá-lo, eles começaram a arrumar suas bicicletas. Primeiro, limparam elas com uma mangueira, já que pegaram muita poeira com a estrada. Então eles verificaram cuidadosamente os freios e as rodas, verificaram a pressão, ajustaram as marchas e engrenaram a corrente. Finalmente, ajustaram os bancos, limparam suas garrafinhas e certificaram-se de transportar a bolsa cheia de peças de reposição no caso de algo quebrar. Enquanto isso, Pablo cuidava de Sócrates. Ele também se apegou muito ao cachorrinho, que já não era tão pequeno assim. Dia a dia, estava crescendo.

No dia seguinte, Jorge, Virginia e Pablo — que finalmente decidiu ir junto — foram para a Via Verde. Eles decidiram que Amelia ficaria cuidando de Sócrates no motorhome. No final da tarde, ela os pegaria em uma estrada de acesso, localizada na metade do trajeto. Então, com as bicicletas preparadas, água e mantimentos suficientes, eles decidiram partir.

Colocaram seus capacetes e saíram pela estrada antes de entrar na Via Verde. Jorge foi o primeiro, e os irmãos iam atrás, em fila indiana. Depois de um tempo, seus filhos o observaram esticar o braço e movê-lo para cima e para baixo com segurança e rapidez, antes de ir para o acostamento. Os garotos entenderam o sinal: precisavam parar, para amarrar bem os sapatos.



Então, eles voltaram para a estrada até chegar ao início da Via Verde, que poderia ser acessada virando à direita. Para isso, Jorge também advertiu a manobra com tempo suficiente, desta vez com o braço esquerdo dobrado para cima e a palma da mão estendida. Os gêmeos o seguiram rapidamente e aliviados, pois, no final daquele caminho de terra, eles encontrariam o início de outro caminho onde não havia mais o tráfego de carros. Sem sinais, sem guardas, sem semáforos; apenas eles, as bicicletas e os pássaros.

Depois de duas horas, andar pela Via Verde revelou-se ainda mais bonito do que Virginia jamais havia imaginado. As árvores forneciam sombra, inúmeros pássaros cantavam e o céu estava completamente azul, sem uma só nuvem, o que lhes fornecia uma luz extraordinária. Eles se sentiram cansados e decidiram parar. Queriam tomar um suco e admirar a fauna e a paisagem com os binóculos. Em uma árvore ali perto havia um ninho. Jorge e Virginia foram vê-lo, mas a Pablo não se interessou e decidiu esperar por eles sentado debaixo de uma árvore. Lá apoiou a bicicleta e, depois de um tempo, sentiu-se observado.

— Ei, você, garoto, o da bicicleta. Gostaria de ganhar alguns euros? Me dê sua bicicleta.

— O quê?

— Tanto faz, vou levar ela. Me faz falta.

E, sem mais nem menos, o estranho subiu na bicicleta e se afastou. Sem tempo de reagir, sem chance de confrontar um adulto, Pablo o deixou ir com toda a imobilidade do mundo. Ele só conseguiu gritar "ladrão!" o mais alto possível, para avisar seu pai.

Jorge e Virginia apareceram imediatamente.

— Mas o que aconteceu, Pablo?

— Roubaram minha bicicleta bem debaixo do meu nariz! Meu deus! Não consigo acreditar, foi tudo rápido demais.

— Bem, não serei eu quem deixará vocês sozinhos para tentar alcançá-lo. Não posso arriscar — disse Jorge. Sinto muito pela bicicleta e pela caminhada que nos espera, mas o que vamos fazer? Isso altera os planos. Teremos que continuar, alternando as bicicletas para que não nos cansemos demais, mas



um de nós terá que continuar caminhando. Venha. Eu irei caminhando neste primeiro trecho.

Após meia hora de caminhada, outra ótima surpresa os aguardava no caminho. Que bom que haviam continuado. Esta nova aparição surgiu sob a forma de uma moto de grande potência, conduzida em alta velocidade, por um cavalheiro com capacete e uma senhora atrás. A senhora era bem conhecida: era Quiteria, a avó de Irene, que desceu da moto.

— Ei, vocês! Parem! Por acaso, vocês não encontraram um ladrão no caminho, encontraram?

— Que alegria te ver, Quiteria. Que coincidência! Pablo foi roubado por um canalha, por isso estamos indo tão devagar.

— Eu vou atrás dele, até mais — disse o motorista.

Todos se aglomeraram em torno de Quiteria. Muitas perguntas.

— Mas vamos ver, Quiteria — disse-lhe Virginia —, como é que você veio de moto, se estamos em uma Via Verde e isso é proibido?

— Isso, você não estava na praia acampando com a sua família? O que você está fazendo aqui? — perguntou Jorge.

— E como está Irene? — perguntou Pablo imediatamente.

— Calma, calma, vamos caminhando e responderei todas as perguntas no caminho. Tenho certeza de que logo meu filho vai voltar, aquele que você ainda não conheceu e viu na moto.

— Por acaso, esse não é o pai de Irene? — disse Pablo, muito intrigado.

— Sim, o próprio, aquele que o resolve absolutamente tudo.

Seguiram adiante e, depois de duas horas, pararam para comer um pouco e tomar água. Quiteria não parecia muito cansada. Quando iam seguir viagem, uma van policial apareceu na estrada, o que fez Quiteria sorrir.

— Este é meu Tomás. Já está para aqui para nos resgatar.

Quando a van parou, dirigiu-se apressadamente para perguntar-lhe.

— E aí filho, como foi?

— Detido e preso. Já estava na hora. Fiquei um mês inteiro o vigiando em sua casa para poder pegá-lo, com suas idas e vindas, enquanto o esconderijo dele era aqui, em uma Via Verde. Ele planejou construir uma fábrica ilegal de componentes eletrônicos, aproveitando uma estação abandonada. Ainda bem que Irene me deu uma pista quando me contou sobre a caverna e o navio de distribuição clandestino. Eu queria que Sherlock Holmes tivesse uma família como a nossa! Por sinal — disse ele, olhando para Pablo — minhas desculpas, jovem. Para que você me perdoe, estou trazendo sua bicicleta de volta na van. — Desculpar pelo quê? — perguntou Pablo, muito intrigado.

— Por assustar você. Fui eu quem você viu correndo no jardim na noite anterior à sua partida de férias. Eu estava atrás desse cara, pensei que ele estava na casa da minha mãe, a quem ele cortejou, e era perigoso. Ele estava armado e tínhamos que proteger vocês e nos proteger. Ninguém podia saber que eu estava vivendo com Quiteria naquele momento, tive que vigiá-lo, é por isso que minha mãe não podia te dizer a verdade.

Você fez muito bem em não enfrentá-lo quando roubou sua bicicleta: parabéns! Ele já está preso. A situação dele irá piorar quando descobirmos sobre as jóias, as quais suspeitamos que ele também contrabandeia. Bem, se você quiser, posso lhe contar todos os detalhes da história, mas é melhor irmos para casa, certo? Além disso, me disseram que duas mulheres muito bonitas e um motorhome nos esperam no final da Via Verde. Então, entrem todos, é por isso que eu trouxe a van, vamos lá!

No final da estrada de saída, eles avistaram seu motorhome. Fora dele, Amelia abraçava Sócrates enquanto olhava para a estrada, esperando eles chegarem. Uma jovem do lado dela tirou o capacete, deixando cair uma longa e negra quantidade de cabelos encaracolados. Ver-la ali produziu imediatamente um enorme sorriso em Pablo, pois não era outra pessoa senão Irene Duas Rodas, com seu capacete inseparável e, ao seu lado, um ciclomotor.

— Olááááá!

— Ai meu Deus, é a Irene! Que bommm! — gritaram Pablo e Virginia ao mesmo tempo, e correram para abraçá-la.

— Senti muita falta de vocês. Que bom que voltemos a nos encontrar. O que acharam do meu pai?

— Admirável, quero ser como ele — disse Pablo.

— Eu também, Pablo. Tenho novidades. Como já tinha dito, há uns dias foi meu aniversário. O melhor presente foi esse ciclomotor vermelha que meu pai me deu. Não é linda? Como fiz quinze anos, consegui tirar a licença para usá-la. Tenho estado muito ocupada, estudando para passar nas provas teóricas e psicotécnicas. E vocês, deixando de lado o bandido, como foi o passeio nessa Via Verde?

— Muito bom — respondeu Virginia —. Há uma colônia de aves incrível e observamos muitos tipos de pássaros durante o caminho. A paisagem é impressionante, há rios para pescar, pontes, estações... Um lugar maravilhoso.

— Que bom, parece incrível. Agora que já acabou tudo isso, podemos vir juntos algum outro dia? — perguntou Irene.

— Claro, mas de bicicleta. Não deixarão você entrar com o ciclomotor. Este caminho é apenas para pedestres, ciclistas ou pessoas que venham a cavalo. E, excepcionalmente, como hoje, para os carros da polícia. E pode que seja pelo calor, mas a verdade é que, tirando um vaqueiro que vimos de longe, o ladrão, a Quiteria e seu pai, não vimos ninguém por aqui. Pablo estava ficando solitário.

Um Pablo que não tinha feito nada mais além de sorrir o tempo todo até então. A se ver distraído, por fim falou:

— Irene, que lindo é esse ciclomotor. Posso andar nele?

— Claro. Vocês não gostariam de tirar a licença? Deve de faltar pouco para o aniversário de vocês, não? Será que tem algum outro caminho sem carros por aqui, para que possamos praticar?

— Sim, bem na entrada da Via Verde. Está sem asfaltar, não é muito longe, mas não tem trânsito.

— Então amanhã ensino vocês. Nós três iremos praticar. Será ótimo!

Amelia, interrompida pelo insistente latido de um Sócrates faminto, interrompeu a conversa.

— Vamos, vamos voltar. Antonio, Rosa e a pequena Blanca estão nos esperando no acampamento para jantar. Temos que montar duas churrasqueiras: eles trouxeram costelinhas e nós temos peixe. Certamente vocês estão cansados e com fome. Então venham, todos pra dentro. Guardem as bicicletas e nos vamos. Que dia!

— Vamos. Eu voltarei de ciclomotor, porque não cabe aí dentro. Pensem que irei escoltando vocês como a uns reis — brincou Irene —. Saúde ao rei Pablo, glória à rainha Virginia! Venha, vamos-nos.

Talvez fosse Jorge quem estava mais feliz com essas férias. Adorava ver seus filhos felizes. E junto com Irene Duas Rodas, aquela garota animada que parecia estar escapando de algum filme de ação, eles estavam, sem dúvida alguma.

A noite passou tranquila. Apesar de Irene, Pablo e Virginia terem muito que conversar, estavam muito cansados de tanto exercício e de tanta emoção. Então, depois do jantar, todos se entregaram. Teriam tempo para conversar no dia seguinte.

Eles acordaram renovados e tomaram um café da manhã reforçado. Irene, encantada com o seu ciclomotor, queria ensinar aos gêmeos tudo o que tinha aprendido. Mas estes, que no momento não estavam apressados para ganhar um também, propuseram que fossem para a cidade. Uma competição de ciclismo iria acontecer precisamente naquele dia, e eles não queriam perdê-la.

Por isso, depois do café da manhã, iniciaram a rota em uma estrada municipal, já que com suas bicicletas e um ciclomotor, nenhum deles poderia circular por estradas ou rodovias. E apesar do calor, Irene usava botas esportivas e roupas acolchoadas.

— A pele é muito frágil — dizia —, é melhor usar algo que não cole ao corpo e que possa me proteger bem, caso eu caia.

O trajeto foi muito agradável, todos andando no acostamento direito. Eles se aproximavam nas curvas e quando cruzavam com outros veículos que transitavam por ali. Irene desacelerou o suficiente para não ficar longe dos gêmeos, que foram com as bicicletas. Quando eles pararam, ela disse:

— Estão vendo? A maior diferença entre dirigir um ciclomotor e uma bicicleta é que, com o primeiro, nunca devemos dirigir somente com uma mão. Para sinalizar as manobras, utilizamos sinais de luz, com antecedência e clareza. É que o ciclomotor é muito mais leve do que parece, e se dirigimos com uma

mão só, pode se desestabilizar e podemos cair facilmente. E cair de uma bicicleta e de um ciclomotor é muito diferente, com o ciclomotor é muito pior.

Na entrada da cidade havia uma imensa rotatória. Pablo ficou interessado.

— Posso fazer uma pergunta, Irene? É que eu não entendo muito bem as rotatórias. Quando você sabe que precisa esperar? E quando você não precisa esperar e entrar direto?

— O que você deve ter claro é que nunca cruzamos as rotatórias em linha reta, mas sim dando a volta, saindo do centro para a esquerda. Os veículos que já estão nela têm preferência, por isso, você deve primeiro dar lugar àqueles que já estão entrando. Então você passa, entendeu?

— Eu entendi, mas muitos motoristas parecem achar difícil.

— Bem, não é tão difícil, é como se tivéssemos um sinal vermelho na nossa frente. Antes de entrar, temos que parar e deixar os outros irem. E quando entramos, somos nós que temos prioridade.

— Eu acho que a ultrapassagem é a manobra mais perigosa — continuou Irene —. Sempre faça do lado esquerdo, a menos que o veículo em frente nos diga que ele irá nessa direção. Fico atrás do veículo, ligeiramente à esquerda e a uma distância prudente; então eu olho pra frente e verifico se ninguém mais está vindo, eu aviso da manobra e acelero, ficando o mais afastado possível do veículo que estiver em minha frente. E então chego à pista certa pouco a pouco. Mas muitas vezes eu fico para trás. Quando tenho dúvidas ou não tenho visibilidade eu nem o faço, por segurança.

— Que aula você me deu, Irene! Você parece uma escola de condução, hahaha. Muito obrigado, agora está claro para mim.

De repente, Pablo mudou de semblante, parecia um pouco triste.

— Estive pensando... nos restam poucos dias de férias... Depois de amanhã teremos que voltar. Bem, pelo menos não vamos parar de nos ver. Menos mal! — ele exclamou.

Mas o ar soprava o vento das despedidas, e nos olhares estava a pressa em viver esses últimos momentos juntos com intensidade. Eles esperaram alguns minutos e a serpente multicolorida dos ciclistas competindo passou diante de seus olhos. Era tudo divertido e alegre ao redor. Gritos de incentivo, cartazes,



fotos... E quando todos estavam esperando a corrida, Pablo fez um gesto ousado e beijou Irene na bochecha, de repente e sem aviso prévio.

— Eu gosto muito de você, Irene. Não quero que nos separemos jamais.

— E eu de você, capitão. Meu capitão.

— Escuta, gostei muito de tudo isso dos mistérios e das investigações. Quando crescer, quero ser policial. Quando voltaremos a investigar?

— Hahaha. Em breve, com certeza papai irá te recrutar. Você é o melhor.

Naquela noite eles tiveram mais uma surpresa, já que todos os adultos se tinham encarregado de preparar uma festa surpresa no camping. Uma festa onde não faltou música, um delicioso churrasco, bebidas e fantasias. Todos foram vestidos de vaqueiros. E todos aplaudiram quando viram aparecer as fantasias mais originais da noite, de Irene e sua pequena prima Blanca, as duas cobertas de cabelo. Diziam que eram o Urso Yogui e seu amigo Bubu.

— Vocês não tem algum bolo para nós? — perguntaram ao chegar.

No meio da festa, Pablo aproximou-se de Tomás, o pai de Irene, com um ar enigmático, aproveitando um momento em que o encontrou só.

— Como vai a investigação sobre o contrabandista? Já terminou? Olha, é que eu acho que sei onde vocês podem encontrar essas jóias que mencionou. São importantes para o caso?

— Fundamentais, pois assim sairia muito mais tarde da prisão, onde deve estar.

—Então preciso lhe dizer que, antes de sairmos, alguém mexeu na terra embaixo da macieira de nossa casa, eu vi. Duas vezes. E minha mãe não estava trabalhando no jardim naquele dia. Será que ele não enterrou as jóias lá?

— Hm... No seu jardim e não no da Quiteria? Claro! Eu revirei tudo, mas não encontrei nada na nossa casa. Ele suspeitava que eu fizesse isso, por isso lhe pareceu mais seguro deixá-las em seu jardim. Embaixo da macieira, você disse? Vou procurá-las amanhã. Bons dotes de observação, garoto. Você já pensou em se tornar policial? Eu acho que você poderia ser um. Ah, e outro assunto importante: se você quiser, você pode ficar com o cachorrinho.

— Com Sócrates?

— Sim, perguntei sobre o cão a pedido de Irene. Perguntei na escola onde os treinamos: era um dos nossos cachorros, escapou de uma ninhada de seis. Sempre esperamos que eles cresçam um pouco para identificá-los, por isso não usamos um microchip. Eles não sentiram falta no começo e, quando perceberam, pensaram que, sozinho, não poderia sobreviver e já teria morrido. Fico feliz que não tenha sido assim. Resolvemos outro mistério, mas você quer ficar com ele?

— Você faria esse favor, de verdade? Meus pais vão decidir, mas todos nós cuidamos de Sócrates. Especialmente Virginia. Se o tirassem agora, seria muito desagradável.

— Não se preocupe. Vou falar com seu pai. Se você quiser, é seu.

— Meu filho mais velho é ou não é um "conserta tudo"? — disse Quiteria, aparecendo de repente, como de costume.

— Claro! - disse Pablo.

— Menos comigo, pois espanta todos os namorados que arranjo, hahaha. Com o bom partido que era esse bandido: contrabando, fábrica ilegal, jóias, glamour...

Todos riram, e a festa continuou com ainda mais animação. Quando escureceu, decidiram acender uns jogos de luzes que tinham pendurado entre os motorhomes. Esta iluminação permitiu a Pablo contemplar, de longe, como Virginia agradecia a Tomás por deixá-la ficar com Sócrates e como Jorge se fundia com este em um abraço longo e cordial. Tinham marcado uma próxima reunião de suas famílias na casa de Quiteria. Tinham muito mais do que falar.

Depois de meia hora apareceu Irene, radiante. Tinha trocado a fantasia de Yogui por um vestido branco e vinha disposta a dançar com Pablo. E este, ao a ver chegar tão linda, sentiu de repente que tudo sumia ao seu redor. Pensou no tanto que mudou durante essas intensas férias. O verão em que não parou nem por um momento: seu novo animal de estimação, seus pais, sua irmã e seu novo amor, sua Irene Duas Rodas, que para ele pressupunha todo um mundo novo de aventuras, ação e emoção, ao que não renunciaria a partir de agora.

Concluiu, então, que a vida, sua própria vida, poderia ser sim como um vídeo game alucinante e cheio de surpresas. Decidiu que não se isolaria mais em seu quarto, diante de uma tela que não podia lhe escutar, nem lhe compreender, que não lhe protegia, nem lhe dava esse calor e essa alegria que só as pessoas lhe davam. Por isso, na casa dos Manzanedo, naquele outono, os vídeo-games foram esquecidos e substituídos pela intensa presença de Irene e suas longas tardes de estudo e conversa.

**Ángeles Prieto Barba**, nascida em Cádiz, é formada em Assistência Social e bacharel em História. Assumiu o cargo de Coordenadora Provincial de Educação Viária no Departamento de Trânsito de Cádiz em 2001, atualmente leciona sobre esse assunto nas diferentes escolas da província.

Publica ensaios, artigos, resenhas literárias e contos periodicamente.

**Mario Miranda**, nascido em Socovos (Albacete), é fotógrafo, músico e diretor de projetos culturais na La Llave. Gestión y producción cultural.

Desde criança tinha a necessidade de levar uma câmera pendurada no ombro e, em um bom dia no início de 2002, decidiu dedicar-se integralmente à fotografia. Em 2008, começou a estudar Direção de Fotografia na escola de cinema “Ciudad de la Luz” de Alicante.

Já foi reconhecido com numerosos prêmios, entre os quais podemos destacar o Prêmio Internacional de Fotografia FITUR 2014.

**Sonia Salvador Vicente**, nascida em Albacete, é bacharel em Direito, pós-graduada em Tecnologia Digital e é mestre em Arquivologia.

Encontrou muito cedo, em sua câmera fotográfica, uma aliada perfeita para satisfazer suas inquietações artísticas. Era praticamente uma criança quando ganhou seu primeiro concurso de fotografia. Depois disso, vieram muitos mais. Exposições individuais e coletivas já são constantes na vida artística de Sonia.







Continua a  
aprender  
connosco. Sabe  
mais aqui!



[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)